

**ESTRUTURA DE RIQUEZA EM VARGINHA, MINAS GERAIS (1880-1888)  
A IMPORTÂNCIA DOS ESCRAVOS PARA A COMPOSIÇÃO DO PATRIMÔNIO**

NATÂNIA SILVA FERREIRA\*

### **1. Introdução**

A partir do século XVI, quando Portugal e Espanha passaram a dominar as Américas, com interesses econômicos, ou seja, interesses de expansão comercial, a mão de obra escrava passou a ser a principal fonte dessa expansão, porque foi a partir do trabalho dos escravos, que os dois países exploradores ampliaram suas riquezas, e se incorporaram numa “economia-mundo” (WALLERSTEIN, 1974) constituindo, na transição do século XVI para o XVII, o sistema Atlântico Ibérico.

Os cativos que chegaram ao Brasil, a partir do século XVII, foram os principais responsáveis pela manutenção da riqueza de Portugal, sobretudo com o desenvolvimento da atividade açucareira no nordeste, e da mineração em Minas Gerais. A propósito, Minas foi uma das províncias brasileiras que mais mão de obra cativa recebeu, ao longo de toda sua história.

Assim, esse artigo tem como objetivo entender a formação da cidade de Varginha, situada no sul de Minas Gerais - cujo nascimento se dá justamente nos anos finais do processo de escravidão no Brasil - destacando a importância dos escravos para a composição da montemor dos moradores do município.

Para o desenvolvimento do trabalho, foram utilizados como materiais primários: a) inventários *post-mortem* de Varginha, do período de 1880 a 1888, depositados no Arquivo Municipal da cidade; b) fragmentos das Atas da Câmara Municipal (dos anos de 1882 e 1888), que se encontram no Museu de Varginha; c) recenseamento de Minas Gerais de 1872.

A hipótese desse artigo, de que os escravos eram importantes para a composição do monte-mor, poderá ser investigada através dos dados contidos nos inventários.

### **2. Aspectos gerais da escravidão: O sistema Atlântico Ibérico e o Brasil**

Pode-se encontrar as origens da escravidão nas Américas no desenvolvimento do sistema Atlântico Ibérico, sobretudo a partir do século XVI, quando Portugal e Espanha passaram a dominar regiões do continente americano, por interesses de expansão de suas relações comerciais. Mas além de condições econômicas, a insuficiência demográfica de algumas regiões da América para garantir trabalho compulsório necessário ao fortalecimento das metrópoles e o pensamento religioso, eram utilizados para legitimação da escravidão.

\*Mestranda do programa de História Econômica da FFLCH-USP / Bolsista da CAPES  
Email: natania.silvaferreira@yahoo.com.br

As diferenças físicas e de cor, apesar de reforçarem as marcas hierárquicas no processo de expansão da escravidão, não foram realmente necessárias para justificar a existência de tal processo. Entretanto, não se pode negar que essas questões (físicas e de cor) não estavam, de fato, presentes no Império português (FRAGOSO; BICALHO; GOUVEA, 2001).

Quando Portugal começa a explorar o Brasil e os primeiros escravos chegam à região, a mão de obra era utilizada, principalmente, nos engenhos de açúcar do nordeste. Durante os séculos XVI e XVII, a economia açucareira foi a principal fonte de riqueza da colônia, que era enviada à metrópole. Com a ascensão da atividade mineradora, especialmente entre os séculos XVIII e XIX, os escravos passam a se dedicar, sobretudo, ao trabalho nas minas e em menor escala, em outras atividades, como a agropecuária<sup>1</sup>. Com o declínio da mineração e a ascensão da economia cafeeira, que se desenvolve com importância comercial a partir do início século XIX, a mão de obra escrava também seria importante fator para o desenvolvimento dessa economia.

Portanto, vê-se que o trabalho escravo esteve presente na economia do Brasil durante muito tempo, ou seja, durante três séculos, a base de sustentação da economia brasileira foi a mão de obra escrava, que não só foi suporte para o cenário brasileiro, mas responsável pelo crescimento da economia Ocidental como um todo (WILLIAMS, 2012).

Pode-se dividir a escravidão em duas partes: a primeira escravidão surgiu com a expansão da primeira rede imperial europeia, tendo sido imensa, com a escravização de aproximadamente cinco a seis milhões de escravos através do Atlântico até o século XVIII; essa escravidão produziu açúcar e tabaco para o consumo das elites. Já a segunda escravidão, na passagem do século XVIII para o XIX, era “culturalmente moderna e economicamente modernizante”, tendo produzido mercadorias chave, como o algodão, para o mercado industrial (BAPTIST, 2013:11).

No caso brasileiro, a primeira escravidão pode ser pensada durante as atividades açucareira e mineradora, voltada mais para lado rural da economia. Quando a atividade do café surge, com importante força no século XIX, parece que a segunda escravidão, voltada mais para questões urbanas, toma conta do cenário brasileiro até quando se dá a abolição.

---

<sup>1</sup> Nessa época, por exemplo, o Rio Grande do Sul contava com uma pecuária bastante desenvolvida. Para mais detalhes sobre a economia da região, ver: ALADRÉN, 2012.

Determinados autores consideram a escravidão como um modo de produção<sup>2</sup>. Outros afirmam, ainda, que apesar de capitalismo e escravidão serem dois modos distintos de produção, a escravidão nas Américas e Antilhas estava relacionada com o processo de nascimento do capitalismo na Europa e, sobretudo, na Inglaterra<sup>3</sup>. Entretanto, apesar da defesa da escravidão como um modo de produção específico, afirma-se também ela não se constitui um modo de se produzir definido<sup>4</sup>. Todavia, acreditamos que a escravidão constitua sim um modo de produção, com suas características próprias.

Na escravidão, a relação entre senhor e escravo é diferente da estabelecida entre patrão e empregado no sistema capitalista de produção (GENOVESE, 1979). A diferença entre o sistema escravista e o baseado no trabalho livre consiste na especificidade do próprio trabalho: na escravidão, trabalho e homem são a mesma coisa; no trabalho livre, ou seja, no capitalismo, o trabalho é uma mercadoria separável do homem (GRAHAM, 1979).

No Brasil, a história mostra que a sociedade era realmente escravista, porque o poder do núcleo dirigente era ancorado na reprodução da escravidão (reprodução política e econômica baseada na escravidão). A escravidão era a própria sustentação econômica da elite. Portanto, pode-se dizer que no Brasil, a escravidão se constituiu como um modo de produção, com uma estrutura própria que se difere do capitalismo ou do feudalismo.

Como consequência da expansão da economia cafeeira em Minas Gerais, em fins do século XVIII, o sul da província começa a se desenvolver. As primeiras cidades da região se originariam, principalmente, depois da segunda metade do século XIX, assim como ocorreu com Varginha, objeto desse estudo, que se transformou em cidade no ano de 1882. Dessa forma, a próxima seção irá tratar da formação do sul de Minas Gerais e, depois, será destacado o município de Varginha e a importância dos escravos para a composição do monte-mor dos inventariados da cidade.

### **3. A formação da região sul de Minas Gerais**

Minas Gerais pode ser definida não como uma região homogênea, mas como um mosaico com sete sub-regiões: norte, leste, mata, sul, centro, triângulo e oeste (WIRTH, 1982). As localidades mais desenvolvidas, sobretudo na passagem do século XIX para XX, foram a zona da mata, o triângulo e o sul, que se ligavam às regiões mais desenvolvidas do

---

<sup>2</sup> Exemplos são: CARDOSO, 1973; CARDOSO, 2004; GORENDER, 1992; LUNA e KLEIN, 2010.

<sup>3</sup> Exemplos são: GENOVESE, 1976; IANNI, 1978.

<sup>4</sup> Mais detalhes podem ser vistos em: PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, 2009.

Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro. Durante o século XIX, Minas Gerais foi a província brasileira que mais recebeu escravos (SZMRECSÁNYI, 2002). O desenvolvimento da atividade mineradora na província deixou como herança a mão de obra escrava, que seria também a base para os primórdios da economia cafeeira, quando está se desenvolvesse na região.

Na tabela abaixo, podem ser vistos os números de escravos para cada região de Minas Gerais, para o período de 1873 a 1886:

**TABELA 1 – MINAS GERAIS: POPULAÇÃO ESCRAVA POR REGIÕES (1873-1886)**

Regiões	1873		1880		1884		1886	
	Escravos	%	Escravos	%	Escravos	%	Escravos	%
Metalúrgica/Mantiqueira	95.401	24,9	63.160	19,5	51.820	17,3	49.436	17,3
Mata	100.776	26,3	100.248	30,9	106.939	35,8	104.360	36,4
Sul	81.511	21,3	71.682	22,1	63.982	21,4	61.270	21,4
Alto Paraíba	189.493	4,8	11.616	3,6	10.443	3,5	9.998	3,5
Oeste	33.711	8,8	29.806	9,2	24.440	8,2	23.152	8,1
Triângulo	7.996	2,1	9.436	2,9	5.921	2,0	5.522	1,9
São Francisco/Monte Claros	7.983	2,1	8.325	2,6	7.574	2,5	7.411	2,6
Paracatu	2.639	0,7	1.714	0,5	1.587	0,5	1.548	0,5
Jequitinhonha/Mucuripe-Doce	34.160	8,9	28.551	8,8	26.225	8,8	23.794	8,3
TOTAL	382.640	100	324.538	100	298.931	100	286.491	100

Fonte: COSTA, 2002 apud CASTILHO, 2009, p. 7.

Em termos gerais, a província mineira apresentava importante número de escravos, e a diminuição que ocorria com o passar do tempo pode ser entendida pela emergência da abolição da escravidão e a chegada do trabalho assalariado no Brasil. As regiões do alto paraíba e da zona da mata eram as que mais possuíam escravos no ano de 1873. Com o passar do tempo, o número de cativos da zona da mata se mantém mais ou menos estável, e o alto paraíba experimenta uma brusca diminuição da população escrava. A manutenção de um elevado número de cativos na zona da mata pode ser explicada pela introdução da atividade cafeeira na região.

Sabe-se que o café fez riqueza, primeiramente, no Rio de Janeiro, mais precisamente no vale do paraíba. Com o passar do tempo e a limitação imposta pela quantidade de terras propícias para o desenvolvimento da cultura no vale, o oeste paulista surge com grande força, por possuir terras propícias e em grandes quantidades para o desenvolvimento do café. Em Minas Gerais, após o declínio da mineração, a economia cafeeira também se desenvolveria, embora de forma menos intensa da que ocorreu em São Paulo; na zona da mata, o café possuía importância comercial desde o início do século XIX e, no sul de Minas Gerais, essa importância se deu, sobretudo, na transição do século XIX para o século XX (WIRTH, 1982).

Embora existissem registros de que a região sul já havia sido visitada em 1737, foi, de fato, 52 anos depois dessa data que ela se constituiu como região independente. O sul de

Minas Gerais foi emancipado da cidade de Campanha, que recebia o nome de Campanha da Princesa, em 1789. A Vila de Campanha, por sua vez, nasceu como consequência da mineração aurífera (ANDRADE, 2000).

A região sul passaria de um local que produzia gêneros de abastecimento para uma região voltada para a atividade exportadora, graças a cultura do café. A introdução da cultura, a partir do início do século XIX, faria se desenvolver novos municípios:

*(...) juntamente com a ampliação da população (...) era nítido o crescimento do número de cidades. Alfenas, Boa Esperança, Três Corações e Varginha, por exemplo, faziam parte de uma primeira fase de emancipação de municípios, entre as décadas de 1860 e 1880, como resultado da introdução do café na região (SAES et al, 2010:19).*

Abaixo seguem dados da população escrava de algumas cidades do sul de Minas Gerais, para os anos de 1876, 1883 e 1885:

**TABELA 2 – POPULAÇÃO ESCRAVA DOS MUNICÍPIOS DO SUL DE MINAS GERAIS**

MUNICÍPIOS	1876		1883		1885	
	ESCRAVOS	%	ESCRAVOS	%	ESCRAVOS	%
Alfenas	4.170	5,6	5.022	8,0	4.495	7,7
Ayuoca	3.564	4,8	3.092	4,9	2.654	4,5
Baependy	7.248	9,7	6.306	10,0	3.877	6,6
Caldas	2.391	3,2	2.720	4,3	2.492	4,3
Campanha	6.750	9,1	3.379	5,3	5.422	9,3
Christina	4.547	6,1	5.599	8,9	4.610	7,9
Dores de Boa Esperança	4.764	6,4	2.455	3,9	2.477	4,2
Itajubá	4.496	6,0	3.960	6,3	4.048	6,9
Jaguary	1.070	1,4	1.172	1,8	1.069	1,8
Lavras	8.380	11,2	6.322	10,0	5.417	9,3
Passos	4.065	5,4	5.623	8,9	4.792	8,2
Pouso Alto	-	-	2.439	3,9	2.282	3,9
Pouso Alegre	4.075	5,4	3.465	5,5	2.227	3,8
São José do Paraíso	4.164	5,6	1.890	3,0	1.778	3,0
São Gonçalo	-	-	37	0,05	151	0,2
São Sebastião do Paraíso	3.598	4,8	3.814	6,0	3.537	6,1
Três Pontas	5.997	8,0	2.817	4,4	2.313	4,0
Ouro Fino	3.574	4,8	-	-	1.694	2,9
<b>TOTAL</b>	<b>74.363</b>	<b>100</b>	<b>62.849</b>	<b>100</b>	<b>57.947</b>	<b>100</b>

Fonte: COSTA, 2002 apud CASTILHO, 2009, p. 7.

Com o passar do tempo e a emergência do fim da escravidão, vê-se que os municípios tem o número de escravos decrescendo. Entretanto, na maioria deles, não houve diminuição acentuada, mostrando que a região sul mineira era, de certa forma, bastante ligada à mão de obra escrava.

Varginha, na época, ainda era distrito de Três Pontas, se transformando em município em 1881 e em cidade no ano de 1882. Os dados relacionados aos escravos pertencentes a Varginha certamente estavam inseridos nas estatísticas de Três Pontas.

Abaixo será tratada a formação da cidade de Varginha e feita a análise da importância dos escravos para a composição do patrimônio dos inventariados.

#### 4. O nascimento da cidade de Varginha e as principais atividades econômicas

Muito antes de Varginha se tornar uma cidade e também um município, suas terras já eram povoadas. Alguns anos antes de 1806, o casal Francisco Alves da Silva e Dona Tereza Clara Rosa da Silva adquiriu as terras onde mais tarde se localizaria Varginha. Esse casal vendeu essas terras ao alferes Manoel Francisco de Oliveira no ano de 1806 e mais tarde, essas terras foram doadas à diocese de Campanha (SALES, 2003).

Em relação a população varginhense, características mais completas podem ser encontradas no Recenseamento de 1872, da Paróquia do Divino Espírito Santo, a maior e mais antiga da cidade. Na tabela abaixo, podem ser constatados os dados sobre a condição da população (livre ou escrava), cor, estado civil e nacionalidade:

CONDIÇÃO	Sexo	Q*	COR				ESTADO CIVIL			NACIONALIDADE	
			Branços	Pardos	Pretos	Caboclos	Solteiros	Casados	Viúvos	Brasil	Outras
ESCRAVOS	F	702	_____	234	468	_____	460	164	78	673	29
	M	725	_____	268	457	_____	556	116	53	673	52
	<b>Total</b>	<b>1427</b>	_____	<b>502</b>	<b>925</b>	_____	<b>1016</b>	<b>280</b>	<b>131</b>	<b>1346</b>	<b>81</b>
LIVRES	F	2834	1552	782	422	78	1743	986	105	2826	8
	M	2934	1656	657	404	217	1847	965	122	2907	27
	<b>Total</b>	<b>5768</b>	<b>3208</b>	<b>1439</b>	<b>826</b>	<b>295</b>	<b>3590</b>	<b>1951</b>	<b>227</b>	<b>5733</b>	<b>35</b>
<b>Total Geral</b>		<b>7195</b>	<b>3208</b>	<b>1941</b>	<b>1751</b>	<b>295</b>	<b>4506</b>	<b>2231</b>	<b>358</b>	<b>7079</b>	<b>116</b>

Fonte: Adaptado do Recenseamento do Brasil em 1872 - Província de Minas Geraes (primeira parte) – Quadro Geral da População da Parochia do Divino Espírito Santo da Varginha, p. 440.

\* Quantidade

A tabela 4 traz as porcentagens das características obtidas através do recenseamento:

Condições	Sexo	Q	COR				ESTADO CIVIL			NACIONALIDADE	
			Branços	Pardos	Pretos	Caboclos	Solteiros	Casados	Viúvos	Brasil	Outras
ESCRAVOS	F	0,097	_____	12,18	26,73	_____	9,20	7,35	21,80	9,50	33,64
	M	0,010	_____	13,94	26,10	_____	11,11	5,20	14,80	9,50	60,32
	<b>Total</b>	<b>19,83</b>	_____	<b>26,12</b>	<b>52,83</b>	_____	<b>20,31</b>	<b>12,55</b>	<b>36,60</b>	<b>19</b>	<b>93,96</b>
LIVRES	F	39,40	48,38	40,15	24,09	26,45	38,70	44,20	29,33	39,92	1,39
	M	40,77	51,62	33,73	23,08	73,55	40,99	43,25	34,07	41,08	4,65
	<b>Total</b>	<b>80,17</b>	<b>100</b>	<b>73,88</b>	<b>47,17</b>	<b>100</b>	<b>79,69</b>	<b>87,45</b>	<b>63,40</b>	<b>81</b>	<b>6,04</b>
<b>Total Geral</b>		<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Índices calculados a partir da tabela número 4.

Pode-se verificar que a população escrava correspondia a quase 20% da população total. Em relação à cor, todos os brancos e caboclos eram livres; cerca de 26% dos pardos e aproximadamente 53% dos negros eram escravos, sendo que a maioria deles vinha de outros países. O recenseamento da Província (p. 441) ainda mostra, em relação aos escravos, as principais ocupações. No caso das mulheres: 31 escravas se dedicavam a costura; as que trabalhavam com tecidos eram apenas 8; lavradoras eram 18; e as que trabalhavam em serviços domésticos eram 260. A ocupação de 385 escravas não foi declarada. No caso dos homens: 5 se ocupavam com trabalho em tecidos; lavradores eram 210; e os que se dedicavam aos serviços domésticos eram 334. A ocupação de 176 escravos não havia sido identificada.

Todos os escravos eram analfabetos, e toda a população da Paróquia, livre e escrava, se declarava católica.

No ano de 1881, a região se transformou em município e, em 1882, em cidade, se emancipando de Três Pontas. Nesse ano, se reuniram na nova cidade, autoridades de Três Pontas, a que pertencia Varginha, para a instalação da Câmara Municipal. Assim ocorreu a primeira reunião:

*Sessão da Comarca Municipal da Villa do Espírito Santo da Varginha, do dia da installação e posse da mesma Villa. Aos dezecete dias do mez de dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois, reunido no Paço da Camara Municipal desta Villa, (...)<sup>5</sup> Senhor Presidente da municipallidade da cidade de Três Pontas (...) foi marcada para a installação e posse desta Villa os Senhores Vereadores José Maximiano Baptista, Domingos Teixeira de Carvalho, João Alves de Govêa, Franscisco de Paula e Silva, Matheus Tavares da Silva e Joaquim Antonio da Silva (...) pelo dito Presidente deferido juramento na forma da Lei, aos Vereadores acima referidos, e tendo sido feita a leitura do aucto da installação e posse desta Villa, pelo Secretário da Camara Municipal da cidade de Três-Pontas na forma da lei, e assignado pelo Presidente da Comarca Municipal da mesma Cidade, e Vereadores desta Camara, e cidadãos presentes. O Senhor Presidente installador da Villa, convidou o Senhor Vereador Joaquim Antonio da Silva para ocupar a cadeira da presidencia, e presidir a eleição do Presidente effectivo que tem de servir nesta Camara, pôr reconhecer ser ele o mais velho dos vereadores presentes conforme precutira a lei a tal respeito, e em mediatamente, sendo posto em votação, pôr escrutineo secreto a eleição do Presidente, foi eleito, o Senhor Matheus Tavares da Silva, pôr quatro votos, qual o Senhor Presidente em mediatamente o convidou a tomar assento: o que sendo feito foi pôr este posto em votação, por escrutineo secreto, a eleição de Vice Presidente desta Camara pela qual verificou-se ter sido eleito o Senhor José Maximiano Baptista. Achando-se a hora já bastante adiantada, e tendo de seguir-se as sollennidades religiosas, o Senhor Presidente convidou os Senhores Vereadores a comparecerem no Paço desta Camara, as dez horas do dia da manhã, para tratar-se das nomeações de empregados, e o mais que ocorrer, e levantou a Sessão. E para constar lavro a presente acta, em que assigna o Senhor Presidente e Vereadores. Eu José Maximiano Baptista Vereador da Camara (...). Matheus Tavares da Silva. Domingos Teixeira de Carvalho. Joaquim Antonio da Silva. José Maximiano Baptista (Ata da Câmara Municipal de Varginha, 17/12/1882, Livro de 1883 à 1889, folhas 1 e 2).*

As principais atividades econômicas de Varginha eram o comércio e a cafeicultura. A cultura do café foi introduzida no município por volta de 1870 (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003), mas ganhou maior destaque econômico a partir do século XX, e eram comuns elogios quanto ao desenvolvimento da cultura no solo varginhense, como se vê a seguir:

*As terras do município são ubérrimas e prestam-se a qualquer cultura. (...) O município de Varginha é o verdadeiro Eldorado do Café do Sul de Minas, sendo esta preciosa rubiácea muito conhecida e apreciada em todos os mercados – nacionais e estrangeiros – pela sua excelente qualidade que igual não se encontra em parte nenhuma (CAPRI, 1918 apud SALES, 2003:284).*

---

<sup>5</sup> Esse símbolo (...) foi utilizado para referenciar partes das Atas que eram de difícil entendimento, ou partes danificadas, como folhas rasgadas, onde não era possível se compreender o texto escrito.

Tendo importância acentuada, assim como a atividade da cafeicultura, o comércio varginhense servia não apenas ao próprio município, mas também à vizinhança. A cidade apresentava certa dinâmica comercial que outros municípios do sul mineiro não apresentavam:

*O comércio de Varginha pode ser considerado o mais importante de todo o Sul de Minas, pois importantes casas atacadistas servem as praças de Elói Mendes, Três Pontas, Dolores de Boa Esperança, Campos Gerais, Paraguaçu, Carmo da Cachoeira e Vila Nepomuceno (...). O comércio de Varginha é representado por casas atacadistas muito importantes. Pode-se afirmar, sem receio de exagero, que Varginha é o grande empório comercial do sul-mineiro (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:277).*

A ferrovia chegou à cidade em 1892. Assim, as distâncias entre Varginha e outros municípios seriam percorridas mais rápido, graças à modernidade na época, que contou com investimentos financeiros de Matheus Tavares da Silva para ser inaugurada. O então primeiro presidente da Câmara e dono da maior riqueza de Varginha, no período de 1881 à 1920<sup>6</sup>, negociante, comerciante, dono de grandes extensões de terras e detentor de muitos escravos<sup>7</sup>, faleceu em 1905, deixando dois filhos e cinco netos. Em relação a ferrovia, afirma Sales (2003):

*É indubitável que a passagem da via férrea por Varginha contribuiu enormemente para o desenvolvimento da cidade e da região. No entanto, a notícia da inauguração recebeu apenas uma pequena nota, sem título, no Minas Gerais, órgão oficial dos poderes do Estado, coluna 'Várias Notícias', em 30 de maio de 1892: "Foi inaugurada a Estação da Varginha, da Companhia Muzambinho" (SALES, 2003:180).*

Não se sabe ainda ao certo, que mercadorias eram transportadas por essa estrada de ferro, mas acredita-se que a principal delas seja o café, provavelmente enviado a distritos e cidades vizinhas, dada a posição de destaque da produção cafeeira em Varginha.

No caso das indústrias, o primeiro estabelecimento varginhense que se assemelhava à uma indústria surgiu em 1893: a fábrica de vinho produzia 5 pipas anualmente, sendo 300\$000 (trezentos mil réis) cada uma. As 5 pipas produzidas por ano correspondiam a 2.486.000 litros de vinho, que eram consumidos localmente. Além da fábrica de vinho, em 1893, Varginha contava com uma fábrica de meias de lã (SALES, 2003).

---

<sup>6</sup> A riqueza do major chegava a 443:079\$264 (quatrocentos e quarenta e três contos, setenta e nove mil, duzentos e sessenta e quatro réis).

<sup>7</sup> Como Matheus Tavares da Silva faleceu em 1905, não se teve acesso a quantidade de escravos que ele possuía, nem ao valor da riqueza investido na categoria de escravos. Entretanto, acredita-se que o major possuía essa mão-de-obra em seu patrimônio.

O café, produto de suma importância para a economia do município, estava diretamente ligado à indústria. “Entre os principais estabelecimentos industriais, destacam-se os destinados ao beneficiamento e rebeneficiamento do café, todos localizados em proximidade da estação férrea de Varginha” (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:280). Se destacavam, também, alguns produtores de: aguardente, rapadura, manteiga, e as oficinas mecânicas.

Fator também importantíssimo para o progresso de qualquer região é o desenvolvimento das instituições bancárias. “Como elementos propulsores do grande comércio varginhense, que se irradia por grande extensão do sul do Estado, de modo a dar-lhes merecidamente a primazia comercial, conta a cidade com dois magníficos estabelecimentos” (FONSECA & LIBERAL, 1920 apud SALES, 2003:281). Em 1915, foi inaugurada na cidade uma agência do Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Geraes. Também foi inaugurada nessa época uma agência do Banco do Brasil.

Com a descrição feita acima, pode-se notar que a cidade de Varginha nasceu e logo se transformou num relevante centro comercial para o sul de Minas Gerais, tendo na atividade cafeeira uma importante aliada para a fortificação da economia local. Essas informações retratam Varginha avançando rumo à consolidação de seu capitalismo<sup>8</sup>, com a ascensão do comércio, das ferrovias, dos bancos e estabelecimentos industriais. Essa expansão do capitalismo ocorre, sem dúvida, graças a expansão da economia cafeeira por Minas Gerais.

Abaixo, o trabalho com os inventários *post-mortem* irá mostrar a estrutura de riqueza dos moradores da cidade que possuíam cativos na década de 1880, com relevância para o papel da categoria Escravos na composição do patrimônio dos inventariados.

#### 4.1. *Estrutura de riqueza e importância dos escravos para a composição do monte-mor*

Para analisar a estrutura de riqueza dos moradores de Varginha que apresentavam escravos na década de 1880, foram utilizados inventários *post-mortem* presentes no Arquivo Municipal de Varginha. Primeiramente, serão mostrados dados referentes aos escravos, e depois, a representação dessa categoria no monte-mor dos inventariados.

---

<sup>8</sup> Há na historiografia importantes contribuições acerca do conceito de capitalismo, bem como da dinâmica de funcionamento do sistema. No caso desse trabalho, considerando o capitalismo no Brasil, defende-se que o crescimento das cidades, o desenvolvimento da economia cafeeira, a abolição da escravidão, a intensificação do comércio, a chegada das ferrovias, das indústrias, dos bancos e das empresas de serviços urbanos, foram fatores chave para a consolidação do modo de produção, porque são capazes de gerar dinâmicas diferentes de outros sistemas, como a escravidão e o feudalismo.

A tabela abaixo mostra a relação de inventários para a década, e o número de documentos que possuíam cativos.

**TABELA 5 – RELAÇÃO DE INVENTÁRIOS PARA O PERÍODO DE 1880-1888 E DOCUMENTOS COM ESCRAVOS**

Ano	Número de Inventários	Inventários com Escravos
1880	1	1
1881	0	0
1882	4	2
1883	4	3
1884	7	2
1885	4	3
1886	3	2
1887	5	2
1888	2	0
TOTAL	30	15

Fonte: Elaboração própria a partir dos inventários *post-mortem* da década de 1880, presentes no Arquivo Municipal de Varginha-MG.

Apesar de haver poucos documentos para a década de 1880 (número menor que o encontrado para os anos posteriores)<sup>9</sup>, e menos ainda para os anos que compreendiam o final da escravidão (30 inventários), pode ser visto na tabela acima, que a metade desses documentos apresentavam escravos. Assim, na tabela abaixo, pode ser observada a estrutura da posse de escravos na cidade:

**TABELA 6 – ESTRUTURA DA POSSE DE ESCRAVOS NO PERÍODO DE 1880-1888**

Faixa de Escravaria	Número de Inventários	Número de Escravos
0	15	Não se aplica
1 a 5 escravos	9	19
6 a 10 escravos	1	8
11 a 20 escravos	3	45
21 a 50 escravos	1	24
Acima de 51 escravos	1	79
TOTAL	30	175

Fonte: Elaboração própria a partir dos inventários *post-mortem* da década de 1880, presentes no Arquivo Municipal de Varginha-MG

Pela tabela 6, pode ser verificado que a maioria dos inventariados, ou seja, nove pessoas, detinham entre 1 a 5 escravos, sendo o total de escravos dezenove. Mas a maioria dos escravos se concentravam em apenas uma inventariada, que possuía sozinha, 79 escravos. Na tabela 8, podem ser vistos quantos escravos dispunham cada inventariado, além do valor total dos escravos:

**TABELA 7 – QUANTIDADE DE ESCRAVOS PARA CADA INVENTARIADO**

Ano	Inventários com Escravos	Inventariado (a)	Quantidade de Escravos	Valor (em contos de réis)
1880	1	Joanna Silveria da Motta	4	6:500\$000
1882	2	José Ferreira Ribeiro	1	150\$000
		Maria das Dores de Jesus	2	2:100\$000
1883	3	Sebastião Rodrigues da Silva	3	4:700\$000
		Gabriel José Junqueira	24	13:220\$000

<sup>9</sup> Foram encontrados: 40 inventários para a década de 1880-1890, sendo 30 referentes aos finais da escravidão; 47 documentos para o período de 1891-1900; 71 inventários para os anos de 1901-1910; e 105 documentos para 1911-1920.

		Joana Maria de Jesus	79	36:380\$000
1884	2	Maria das Dores Meirelles	2	1:600\$000
		Maria das Dores de Brito	3	1:030\$000
1885	3	Francisco de Paula Dias	17	8:300\$000
		Manoel Paulino de Almeida	17	6:150\$000
		Lino José Ribeiro	8	3:750\$000
1886	2	Silvério José Cabral	1	460\$000
		Domingos Pinto Ribeiro	11	4:300\$000
1887	2	Manoel Cardoso da Silva	1	400\$000
		Prudenciana Maxima do Carmo	2	984\$000
TOTAL	15	TOTAL	175	90:024\$000

Fonte: Elaboração própria a partir dos inventários *post-mortem* da década de 1880, presentes no Arquivo Municipal de Varginha-MG

O preço médio de um escravo adulto em Varginha, nos anos finais da escravidão, era de 800\$000 (oitocentos mil réis), apesar de haver valores muito abaixo e muito acima deste. Escravos com alguma enfermidade ou em idade avançada, e crianças filhas de cativos, poderiam custar de 150\$000 (cento e cinquenta mil réis) a 300\$000 (trezentos mil réis). Mas escravos de meia idade, sobretudo do sexo masculino, poderiam custar até 2:000\$000 (dois contos de réis). No caso de Joana Maria de Jesus, falecida em 1883, a inventariada que mais cativos reunia, percebe-se que o preço não era tão elevado, pois seus 79 cativos valiam apenas 36:380\$000 (trinta e seis contos, trezentos e oitenta mil réis); elaborando-se uma média, o preço de cada escravo dessa inventariada seria de, aproximadamente, 460\$507 (quatrocentos e sessenta mil, quinhentos e sete réis). Mas observando-se a inventariada mais antiga, Joanna Silveria da Motta, falecida em 1880 e possuidora de 4 escravos, vê-se que o preço deles era mais elevado: cada escravo sairia por volta de 1:625\$000 (um conto, seiscentos e vinte e cinco mil réis). A tabela 8 mostra a distribuição dos escravos por sexo:

Sexo	Quantidade
Feminino	83
Masculino	89
Não mencionados	3
TOTAL	175

Fonte: Elaboração própria a partir dos inventários *post-mortem* da década de 1880, presentes no Arquivo Municipal de Varginha-MG

O número de escravos do sexo masculino e feminino era balanceado, entretanto, em dois inventários foram encontrados três cativos que não foram identificados quanto ao sexo: no de Lino José Ribeiro, falecido em 1885, havia dois cativos não identificados, e no de Silvério José Cabral, falecido em 1886, havia um escravo não identificado quanto ao sexo.

Por fim, a tabela 9 mostra a estrutura de riqueza dos inventariados, com as porcentagens de aplicação em cada categoria do monte mor:

Ano	Requerido	Herdeiros	Móveis	Animais	Escravos	Imóveis(R)	Imóveis(U)	Dív. Ativas	Monte-Mor
-----	-----------	-----------	--------	---------	----------	------------	------------	-------------	-----------

1880	Joanna Silveria da Motta	3	18,85%	7,28%	<b>73,86%</b>	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%
1882	Maria das Dores de Jesus	5	2,40%	10,12%	<b>17,53%</b>	69,96%	0,00%	0,00%	100,00%
1882	José Ferreira Ribeiro	9	7,07%	2,71%	<b>22,56%</b>	67,67%	0,00%	0,00%	100,00%
1883	Gabriel José Junqueira	14	0,81%	3,40%	<b>10,11%</b>	84,57%	0,00%	0,61%	100,00%
1883	Sebastião Rodrigues da Silva	3	1,47%	1,69%	<b>31,82%</b>	48,50%	10,77%	5,31%	100,00%
1883	Joana Maria de Jesus	10	1,09%	6,84%	<b>11,72%</b>	76,67%	1,93%	0,00%	100,00%
1884	Maria das Dores Meirelles	3	6,20%	2,14%	<b>83,43%</b>	0,00%	6,26%	0,00%	100,00%
1884	Maria das Dores de Britto	5	7,38%	15,70%	<b>60,33%</b>	16,59%	0,00%	0,00%	100,00%
1885	Francisco de Paula Dias	11	2,55%	1,23%	<b>57,05%</b>	15,40%	16,44%	7,33%	100,00%
1885	Manoel Paulino de Almeida	1	1,15%	10,22%	<b>21,27%</b>	51,52%	10,37%	2,66%	100,00%
1885	Lino José Ribeiro	7	3,55%	2,58%	<b>28,08%</b>	26,09%	0,00%	20,97%	81,28%
1886	Domingos Pinto Ribeiro	9	9,96%	5,60%	<b>13,68%</b>	59,26%	0,00%	6,25%	94,76%
1886	Silvério José Cabral	12	11,23%	46,36%	<b>26,26%</b>	16,16%	0,00%	0,00%	100,00%
1887	Manoel Cardoso da Silva	2	0,00%	0,00%	<b>100,00%</b>	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%
1887	Prudenciana Maxima do Carmo	11	2,56%	14,77%	<b>9,71%</b>	72,07%	0,00%	0,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria a partir dos inventários *post-mortem* da década de 1880, presentes no Arquivo Municipal de Varginha-MG

Na tabela acima, foram colocados todos os componentes do monte-mor dos inventariados. Os bens imóveis foram divididos em Rurais e Urbanos. Mas o que é relevante, nessa parte, é confirmar ou refutar a hipótese inicial sobre a importância da categoria Escravos para a composição do monte-mor, ou seja, a partir da estrutura de riqueza de cada inventariado, será analisado se o valor empregado na categoria era representativo ou não do monte-mor.

No caso do primeiro inventário, de 1880, de Joanna Silveria da Motta, vê-se que aproximadamente 74% do monte-mor estava empregado na categoria de escravos. Para os dois inventários de 1882, observa-se que menos de 25% do monte-mor dos inventariados era destinado à categoria. Nos inventários de 1883, vê-se que dois inventariados investiam cerca de apenas 10% em escravos, e um investia aproximadamente 31%. Já para os dois documentos de 1884, nota-se que Maria das Dores Meirelles investia cerca de 83% do monte-mor na categoria de escravos, e Maria das Dores de Brito apresentava cerca de 60% do patrimônio em escravos. No ano de 1885, Francisco de Paula Dias investia cerca de 57% de sua riqueza nos escravos; já os outros dois inventariados do mesmo ano investiam menos de 28% na categoria. Para o ano de 1886, tem-se inventários com menos de 26% de aplicação nos escravos. E em 1887, percebe-se que Manoel Cardoso da Silva investia todo o seu monte-mor em escravos, e a última inventariada possuía apenas 9,71% do patrimônio na categoria de escravos. Joana Maria de Jesus, a inventariada que reunia 79 escravos, o maior número de

todos os documentos, aplicava 11,72% em escravos e a maior parte de sua riqueza estava concentrada nos bens imóveis. Isso ocorre devido ao preço de seus escravos - média de 36:380\$000 (trinta e seis contos, trezentos e oitenta mil réis) por escravo.

Verifica-se que 5 dos 15 inventariados investiam mais da metade de seu patrimônio em escravos, isso corresponde a 33,33% dos inventariados. O investimento dos inventariados se concentrava, sobretudo, nos bens imóveis rurais, com 7 em 15 inventários, o que corresponde a 46,67% dos documentos. Ainda, 3 dos 15 documentos apresentavam investimentos mais equilibrados entre as categorias de bens, não ultrapassando, em nenhuma categoria, 50% do investimento.

Depois dessa análise, entende-se que a hipótese inicial não é refutada porque apesar de 5 dos 15 inventariados concentrarem a maior parte da riqueza na categoria de escravos, não nega-se a importância dessa categoria para a composição do monte-mor. Sem a categoria de escravos, o patrimônio desses 5 inventariados seria bem menor. No caso dos documentos restantes, a diminuição da riqueza seria em menor escala, mas ainda assim ocorreria. A porcentagem da aplicação da riqueza nos escravos era maior que a concentração em Bens Móveis, Animais, Imóveis Urbanos e Dívidas Ativas<sup>10</sup>, ou seja, só era menor que a concentração da riqueza nos bens Imóveis Rurais. Assim, vê-se que o investimento em escravos era, certamente, importante para os inventariados e para a composição do patrimônio.

Em 20 de abril de 1888:

*Pelo o Presidente, foi proposto que atendendo ao estado anormal em que se achão as relações dos escravos para com os senhores e temendo um desastre para a lavoura, em consequencia da imigração de escravos para os pontos em que são mais protegidos na cenda da liberdade que buscão, esta Camara dirigisse a todos os fazendeiros e passivadores de escravos no municipio, um apello para uma reunião nesta Cidade, no dia trez de Maio do corrente anno, afim de tratar-se da transsição do trabalho servil ao livre, e que este apelo fosse publicado pela empresa. Posta em discução, a Camara aceita a presente proposta (Ata da Câmara Municipal de Varginha, 20/04/1888, Livro de 1883 à 1889, folha 92).*

Infelizmente, a ata de 03 de maio de 1888 não identificada, para se compreender a continuidade dessa discussão.

## **5. Considerações Finais**

---

<sup>10</sup> Apenas no inventário de Silvério José Cabral, falecido em 1886, e de Prudenciana Maxima do Carmo, falecida em 1887, o investimento em animais era maior que o investimento realizado em escravos.

Os escravos são personagens da história responsáveis pela manutenção e enriquecimento de muitas sociedades. O trabalho escravo, mesmo não sendo um trabalho assalariado, que gere um ciclo de acumulação e riqueza para o sistema, nos moldes do capitalismo, contribui para a formação de riqueza no sistema escravista: a mão de obra cativa gera benefícios econômicos para o senhor de escravos e, conseqüentemente, para a economia que está em volta desse trabalho. O senhor paga apenas uma vez pelo seu escravo, impossibilitando que esse escravo obtenha reservas para que possa consumir e para fazer com que o sistema se amplie, mas, a partir do momento que o escravo é comprado, ele passa a produzir riqueza para outra pessoa, o seu comprador. O sistema escravista não é totalmente estático.

No caso de Varginha, os estudos sobre escravidão podem deixar algumas lacunas: o nascimento da cidade ocorreu na década final da escravidão e, sem dúvida, o número de escravos na época era bem menor do que em décadas anteriores, pois mesmo a região sendo um distrito de Três Pontas, o recenseamento de 1872 já mostrava dados populacionais, sobre pessoas livres e escravas.

Pelo recenseamento, observa-se que aproximadamente 20% da população residente na localidade do município era escrava. Quando chega-se à análise dos inventários (apesar da falta de informações específicas sobre o número da população total da cidade para a década de 1880), nota-se que o número de cativos era pequeno (175 cativos identificados nos documentos). Assim, Varginha se constituía como uma pequena sociedade com escravos, que diminuía também por já se aproximar o fim da escravidão no país.

Todavia, não se deve negar a importância dos escravos para a composição do monte-mor dos inventariados que os possuíam. A categoria de Escravos, depois da categoria de bens Imóveis Rurais, era aquela em que mais se investia. Então, Varginha, cidade que nasceu em 1882, já na década final da escravidão, apresentou a categoria de Escravos como uma das mais importantes para a composição do monte-mor dos seus inventariados. Provavelmente, cidades nascidas antes, dentre elas Alfenas, Campanha, Lavras e Pouso Alegre, apresentariam dados ainda mais precisos sobre a população escrava, contribuindo com pesquisas mais concretas sobre o fim do processo de escravidão no sul de Minas Gerais e a importância dos escravos, não apenas para a composição do monte-mor dos inventariados, mas também como fonte de riqueza para a economia local.

### **Fontes Primárias**

a) Inventários presentes no Arquivo Municipal de Varginha:

- 1880 - Joanna Silveria da Motta, caixa 724, documento nº 01
- 1882 - Maria das Dores de Jesus, caixa 528, documento nº 06
- 1882 - José Ferreira Ribeiro, caixa 541, documento nº 09
- 1883 - Gabriel José Junqueira, caixa 508, documento nº 03
- 1883 - Sebastião Rodrigues da Silva, caixa 620, documento nº 01
- 1883 - Joana Maria de Jesus, informações não identificadas
- 1884 - Maria das Dores Meirelles, caixa 528, documento nº 07
- 1884 - Maria das Dores de Britto, caixa 529, documento nº 08
- 1885 - Francisco de Paula Dias, caixa 472, documento nº 06
- 1885 - Manoel Paulino de Almeida, caixa 599, documento nº 07
- 1885 - Lino José Ribeiro, caixa 600, documento nº 06
- 1886 - Domingos Pinto Ribeiro, caixa 600, documento nº 02
- 1886 - Silvério José Cabral, caixa 620, documento nº 02
- 1887 - Manoel Cardoso da Silva, caixa 599, nº 08
- 1887 - Prudenciana Maxima do Carmo, caixa 607, documento nº 03

b) Atas da Câmara Municipal, presentes no Museu Municipal de Varginha:  
Livro de 1883 à 1889 (folhas 1, 2 e 92).

c) Recenseamento do Brasil em 1872 - Província de Minas Geraes (primeira parte) –  
Quadro Geral da População da Parochia do Divino Espírito Santo da Varginha.

### **Referências Bibliográficas**

- ADELMAN, Jeremy. *Sovereignty and revolution in the Iberian Atlantic*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- ALADRÉN, Gabriel. *Sem respeitar fé nem tratados: escravidão e guerra na formação histórica da fronteira sul do Brasil (Rio Grande de São Pedro, c. 1777-1835)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 2012.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul - séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ANDRADE, Marcos Ferreira de; CARDOSO, Maria Tereza Pereira. “A Vila da Campanha da Princesa: fontes para a História do Sul de Minas”. In: *Varia História*. Belo Horizonte, n. 23, Jul/2000.
- BAPTIST, Edward E. “A Segunda Escravidão e a República Americana”. In: *Almanack*, Guarulhos, n. 05, p. 5-41, 1º semestre de 2013.
- CARDOSO, Ciro F. S. “Sobre los modos de producción coloniales de América”. In: *Sempat Assadourian, Carlos (org.). Modos de producción en América Latina*. Cuadernos de Pasado y Presente, n. 40, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Escravo ou Camponês? O protocampesinato negro nas Américas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. “Economia Sul-Mineira: O Abastecimento Interno e a Expansão Cafeeira (1870-1920)”. In: *Revista de História Econômica e Economia Regional Aplicada*, v.4, n. 6, Jan-Jun/2009.

- FILHO, João Dornas. *A Escravidão no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.
- FRAGOSO, J.; BICALHO, M. F.; GOUVEA, M. F. (orgs.). *O antigo regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GENOVESE, Eugene. *A Economia Política da Escravidão*. Tradução de Fanny Wrobel e Maria Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.
- \_\_\_\_\_. *O mundo dos Senhores de Escravos: dois ensaios de interpretação*. Tradução de Laís Falleiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GORENDER, Jacob. *O Escravismo Colonial*. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- GRAHAM, Richard. *Escravidão, Reforma e Imperialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- IANNI, Octávio. *Escravidão e Racismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- LAPA, José Roberto do Amaral; SZMRECSÁNYI, Tamás (orgs.). *História Econômica da Independência e do Império*. São Paulo: Hucitec/ABPHE/Edusp/Imprensa Oficial, 2002.
- LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Escravidão no Brasil*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Edusp - Imprensa Oficial, 2010.
- PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Oliver. *A História da Escravidão*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2009.
- SAES, Alexandre Macchione et al. *Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX*. In: XIV Seminário de Economia Mineira. Diamantina: Cedeplar, 2010.
- SALES, José Roberto. *Espírito Santo da Varginha (1763 – 1920)*. Varginha: Gráfica Sul-Mineira, 2003.
- SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História Econômica da Independência e do Império*. São Paulo: Hucitec/ABPHE/Edusp/Imprensa Oficial, 2002.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *The modern world-system. Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century*. Nova York: Academic Press, 1974.
- WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. Tradução de Denise Bottmann. Prefácio de Rafael de Bivar Marquese. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WIRTH, John. *O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.